

Análise da influência dos manuais de norma culta nos referenciais teóricos do professor de Língua Portuguesa

Prof a. Esp. Josicarla Mendonça UnB

Resumo:

Desde que a língua passou a ser comercializada como forma de indicar a estrutura correta do “bem falar” e do “bem escrever”, pode-se observar os vários tipos de preconceitos implícitos nos discursos dos gramaticistas que desenvolvem materiais de auxílio. Os materiais denominados de “dicas de português”, independente de serem falados (vídeos) ou escritos (manuais, artigos e/ou colunas), trazem preconceitos nas modalidades: econômica, histórico e social. Este último capaz de dividir a sociedade, que tem como o português brasileiro sua língua materna, em blocos de quem sabe e de quem não sabe “falar corretamente”. Os valores sociais relacionados a uma forma privilegiada de se falar, associada a um conjunto de valores pré-estabelecidos dentro de determinada sociedade são mais valorizados do que as demais variantes linguísticas, que ao contrário, trazem marcas de despreparo e desvalorização. As variações linguísticas são as formas como a língua se apresenta na sociedade e variam de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural, no qual os falantes dessa língua interagem verbalmente. É necessário que o aluno tenha acesso à aprendizagem da norma culta da língua, não para tê-la como uma língua invariável, mas para ampliar suas competências linguísticas. O objetivo é evidenciar o preconceito linguístico dentro da sala de aula quando o professor de Língua Portuguesa assume uma postura que condiz com a dos autores dos manuais e artigos que defendem o uso da norma padrão da língua. Este artigo é composto por dados qualitativos e bibliográficos, tendo a Análise de Discurso Crítica como estratégia de interpretação do corpus.

Palavras chaves: Língua. Gramática. Preconceito.

1 Introdução

A língua é o meio pelo qual membros de determinada comunidade mantêm relações de interação. Dessa forma Saussure (2008, p.17) define língua como “(...) um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

A Sociolinguística estuda a língua em seu uso dentro das comunidades, chamando a atenção para um tipo de investigação que une ponto de vista linguístico e social. Esta ciência se preocupa em focar o espaço interdisciplinar, a fronteira entre a língua e sociedade, evidenciando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

De um modo geral, pode-se dizer que os fatores determinantes da heterogeneidade linguística são três: o geográfico, responsável pela divergência linguística entre comunidades fisicamente distantes uma da outra; o social, responsável pela divergência linguística entre distintos

subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manterem características linguísticas que os demarquem; o registro de uso, ou nível de formalidade atribuído ao encontro pelos interlocutores, numa gama que vai desde o mais coloquial ao mais formal. (LEMLE, 1978. p. 61 *apud* CECÍLIO e MATOS, 2011. p.3).

Para a Sociolinguística o que importa é estudar a situação de uso da língua, ou seja, a língua falada, descrita, observada e analisada dentro de um contexto social.

A escolha de uma ou mais linguagens como forma de expressão de um grupo social está intimamente relacionada à identidade cultural que se estabelece por meio dessa(s) linguagem (ns). (PCNEM 1998. p.69).

As várias linguagens são legitimadas pela apropriação que delas fazem seus usuários.

2 Análise de Discurso Crítica

Com a evolução da linguística, têm-se as teorias da Sociolinguística e da Análise de Discurso Crítica (ADC), tendo a fala como fator importante para a pesquisa linguística, aquela por entender a fala como algo importante a ser pesquisado e esta que investiga as questões sociais e ideológicas que estão subentendidas no discurso.

São considerados três elementos analisáveis para a teoria social do discurso: o texto, a prática discursiva e a prática social. Esse modelo de análise foi elaborado por Fairclough (2008). Embora exista esse modelo que facilite a análise da prática social discursiva, ele serve tão somente para organizar os dados e não como método de análise.

Alguns analistas do discurso entendem que o momento do discurso é um instante de práticas sociais, e essas práticas são demonstrações de poder, valores sociais, religiosos entre outros. Para Fairclough (2008), os momentos de práticas sociais estão determinados pela articulação entre os elementos constituintes dessa prática, em que, se houver alteração em um desses elementos, haverá uma reconfiguração no discurso, ou seja, haverá alteração do discurso. As articulações entre os elementos do discurso existem para a formação de redes de práticas sociais, entre uma prática social e outra, trabalha a análise do discurso, para analisar as relações de poder existentes. Dado o caráter aberto das relações sociais, as redes são sustentadas por práticas ligadas ao poder e as articulações entre as práticas ligadas à hegemonia.

A hegemonia traz consigo a ideologia que eleva o nível de poder nas relações de práticas discursivas, dando a esse momento um *status* de luta por bens materiais, social e mental. A mídia procura apresentar como verdade certas ideologias e as pessoas acabam trazendo para si como verdade. Isso devido ao poder que a mídia tem de controlar o que é veiculado na sociedade. As pessoas não têm senso crítico suficiente para discernir e deixam se levar por todas as ideias impostas pela classe dominante – que no caso desse artigo, refere-se aquela que domina a norma culta.

3 O discurso preconceituoso nos artigos jornalísticos e manuais que defendem a norma gramatical

A norma padrão da língua pode ser entendida como o conjunto de regras existentes para que a essência da língua escrita não se perca – gramática. Sociedades antigas tinham seu sistema linguístico de forma oral – fala e posteriormente,

registraram-na em forma de signos, formando assim a gramática da língua, ou seja, a gramática é subordinada da fala. A norma nasceu da utilização da língua pelos indivíduos da sociedade.

(...) é a fala que faz evoluir a língua: são impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo instrumento e produto desta. (SAUSSURE 2008. p.27).

Os materiais que tentam ensinar o “bem falar” e o “bem escrever” nada mais são do que amostras de um determinado modo de falar/escrever ditado pela gramática normativa, que corresponde a apenas um tipo de registro da língua. Em virtude destes manuais, entrevistas e dicas espalhadas pelos vários veículos de informação fica cada vez mais difícil para a sociedade entender que dentro de uma mesma língua existem variantes que seguem, assim como a norma padrão, uma sistematicidade.

A força do preconceito tradicional em favor da língua padrão em sua forma escrita é tanta, que é muito difícil... convencer os leigos de que os dialetos-não-padrão em geral tem a mesma regularidade ou sistematicidade que as línguas literárias padrão, tendo suas próprias normas de correção, imanente do uso de seus falantes nativos. (LYONS, 1981. p. 25).

Segundo Bagno (1999) o preconceito linguístico está ligado à confusão que foi criada entre língua e gramática normativa no percurso da história. E, pela análise desses discursos é possível ver, por exemplo, que o brasileiro é taxado de ignorante de sua própria língua.

Em trechos retirados do livro SQUARISI, Dad- **Super Dicas de Ortografia: conforme o Volp-Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo; Saraiva: 2009 pode-se observar:

A língua é um conjunto de possibilidades. A melhor: descobrir a manha das palavras. p. 93

A confusão entre língua e o uso dela, o que se chama fala, prevalece em manuais de gramática normativa. Pode ser observado no trecho acima, em que a autora descreve língua com características de fala. Ou seja, a Dad Squarisi pensa que a língua portuguesa é tão somente a norma culta encontrada nas gramáticas tradicionais e que os brasileiros têm a obrigação de saber falar uma língua muito distante da língua materna, presente na oralidade deles. Para Scherre (2005, p.70) “confundir fala espontânea com escrita monitorada ou confundir gramática normativa com língua pode realmente causar enormes distúrbios na comunicação”.

Nós que temos, devemos tratá-las com reverência. p.20 (A respeito das letras).

Escrevê-las e pronuncíá-las como mandam os mestres pega tão bem quanto usar cinto de segurança e dar bom-dia ao entrar no elevador. p. 20

Nos dois trechos acima é possível verificar a importância dada à norma padrão. É apontado que existe um sistema alfabético e que é tão valoroso que, segundo a autora, se deveria reverenciá-lo. O preconceito evidenciado contra a variação linguística é tão marcante que chega a ser confundida com a falta de educação ou falta de segurança à vida.



(Figura 1)

CIPRO NETO, Pasquale. **Regência verbal e nominal**. São Paulo: Publifolha, 2005, (figura 1) foi selecionado por apresentar marcas que indicam preconceito socioeconômico nos semióticos utilizados na capa do manual. O autor escolheu uma imagem de um rei espetaculoso, com uma coroa em sua cabeça, que demonstra a visão pouco evoluída dele com relação à sociedade. Admitindo, mesmo que inconsciente, que o “bem falar” ainda é uma ação restrita para prestigiados. A cor do personagem, a coroa e a fisionomia, deixam aspectos de discriminação racial, social e econômica em destaque. Verifica-se que o autor não se preocupou em desmistificar a ideia de que a classe social privilegiada tem pele clara, trouxe uma representação padrão. Os gramaticistas preferem manter a tradição e o padrão, não se importando com as consequências ideológicas que isso pode acarretar dentro de uma civilização contemporânea.

Ao se deparar com esse tipo de imagem a sociedade sente necessidade de estar envolvida como participante da reprodução culta da língua, para ser considerada cidadã. Diante dessa realidade a pessoa sente-se incapaz e inferior, pois é quase impossível saber e dominar todas as regras de gramática da língua. A ideia de ser superior, melhor e bem sucedido é vendida junto com esses materiais de dicas de como falar corretamente.

Pensar que é possível se tornar alguém de classe superior em virtude de dominar a língua é um pensamento arcaico, pois se sabe que dentro da língua oficial de determinado grupo existem variações da língua com o passar do tempo, regionais, dialetais entre outras. Para Saussure (2008), a língua tem tradição oral independente da escrita, porém o prestígio dado à sua forma escrita faz com que essa tradição não seja vista.

Informar que só existe uma forma correta de se falar ou que a pessoa que escreve “errado” está fadada ao fracasso é subjugar a maior parte da sociedade. É preciso respeitar, aceitar e analisar o motivo das variações linguísticas de ocorrência comum dentro da sociedade.

4 O discurso do professor de português a respeito da norma padrão e da heterogeneidade linguística

A escola é a responsável por ensinar a variedade padrão da língua aos seus alunos, embora esse ensino da forma sistêmica da gramática prescritiva da língua deva ser ensinado, devem-se levar em consideração as sequências gramaticais internalizadas que o aluno faz em seu cotidiano. Sabe-se, também, que esse ensino tem sido de forma

impositiva. Alguns estudiosos relatam que: se o ensino sistemático da língua está sendo imposto é por que de fato não deixa de ser necessário, Bortoni-Ricardo (2005).

O fato é que a escola não tem dado a devida consideração à bagagem social que o aluno leva para dentro da sala de aula, e nem se comprometeu com a influência da variação linguística no processo educacional. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1998), as escolas são orientadas a não agir com preconceito diante da heterogeneidade linguística existente no ambiente escolar. Foi sugerido aos professores que não corrigissem a forma “errada” de o aluno falar, mas que o ensinasse a norma padrão da língua para que pudesse ser feita a inserção desse aluno nos meios culturais dominados pela língua de prestígio.

É papel da escola lidar de forma produtiva com a variedade linguística de sua clientela, sem perder de vista a valorização da variante linguística que cada aluno traz consigo para a escola e a importância de se oferecer a esse aluno o acesso à norma padrão – aquela que é prestigiada quando se testam suas habilidades para ingressar no mundo do trabalho, por exemplo. (PCNEM- Linguagens, códigos e suas Tecnologias: 1998. p. 82).

O professor é fruto de um sistema de ensino voltado para a teorização do conteúdo e por mais que essas teorias tenham sido mescladas com conceitos sociolinguísticos os profissionais têm certa resistência em colocá-las em prática, pelo fato da pedagogia educacional não permitir a junção teórico - prática na formação do educando. O produto resultante dessa formação é um educador com dificuldades em trabalhar de forma contextualizada os conteúdos programáticos. É importante que o professor seja, acima de qualquer conceito, um profissional aberto às novas tendências e pesquisador de métodos que possibilitem a aplicabilidade de conceitos variáveis da língua dentro dos diferentes contextos, não se deixando influenciar pelo discurso de preconceito social imbuído nos manuais que tentam prescrever a forma “certa” da língua portuguesa.

A sociedade vê na escola o meio de aprender a falar e a escrever de forma correta e isso é cobrado dos professores, que mantêm o foco na correção das variantes linguísticas. Desse modo, a escola não tem trabalhado para enriquecer e ampliar a competência linguística de seu aluno, ao contrário tem acompanhado o movimento que preconiza atingir o nível de fala e língua da classe privilegiada.

De forma geral cabe ao professor selecionar os recursos didáticos oferecidos para o ensino da língua materna. Promovendo assim a conscientização de seu alunato e desmistificando regras normativas que na prática não funcionam ou colaboram para o não entendimento da evolução ou estrutura da língua, seja ela falada ou escrita. De fato o que não pode ocorrer dentro da sala de aula é deixar que a falsa ideia do “bem falar” e do “bem escrever” passe a diante, pois desse modo o trabalho de informação e pesquisa realizados por profissionais dedicados às descobertas e análises da evolução e do uso da língua estariam sendo descartados.

5 O professor de Português e a Língua

Em pesquisa realizada com professores de língua portuguesa em uma escola de Ensino Médio localizada na cidade do Gama no Distrito Federal, observou-se entre outras as seguintes situações:

Com relação à **concepção de língua**: A maioria dos professores mantém uma visão sistemática da língua e não consideram os aspectos interacionais dela. É relevante

destacar a confusão gerada pela professora Cláudia (pseudônimo) quando afirma: “(...) que a sociedade se apropria”. Ora, como é possível a sociedade se apropriar de algo que já possui? Possenti (2009) comenta esse equívoco e afirma que esse tipo de confusão se dá por imaginarem que a língua começa em sua forma escrita e só depois são faladas. Mas essa ideia é facilmente refutada, simplesmente observando uma criança: ela não lê antes de falar. Nesse sentido, Saussure (2008, p.34), diz: “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro...”.

Sobre **Variação Linguística**: Os professores demonstraram ter conhecimento do que seja variação linguística, até reconhecem algumas ocorrências, mas acabam confundindo variação com regionalismo. Não evidenciam em suas respostas maneiras de como trabalhar com as diversidades linguísticas de seus alunos, embora alguns colaboradores esboçassem, de forma muito ampla e generalizada, trabalhar com gêneros textuais, não especificam, de forma pontual, algo que já tenha sido feito. Isso faz com que seja observada a existência de uma tentativa em mostrar que, por parte desses, há possibilidade de tornar a variedade linguística um assunto debatido em sala de aula, mas ainda não é uma realidade.

Ensino da Língua materna com auxílio de manuais de norma culta: Os colaboradores não souberam a diferença entre língua materna, que se aprende em seu convívio social e língua padrão, ensinada na escola, com regras gramaticais. Para Scherre (2005, p. 95), “O grande conflito é que se ensina gramática normativa afirmando que está se ensinando língua materna”. Por esse motivo todas as respostas dadas foram elaboradas para atender as necessidades da língua padrão.

Com relação aos motivos que justifiquem o uso dos manuais ou qualquer outro material elaborado por gramaticistas que explorem a norma padrão da língua, os professores se mostraram muito dispersos, no sentido de, em sua maioria, não se posicionarem de forma clara. Há nas respostas dos professores confusão relacionada ao papel que os manuais de norma culta exercem sobre o conhecimento.

Dentre os **materiais de dicas de português**, quais você adotaria como apoio em suas aulas? Por qual motivo? Os materiais sugeridos por esses professores incluem revistas, sites, jornais e livros. Todos os sites e materiais indicados pelos docentes trazem o ensino da língua de forma tradicional, com regras e exclusões. Destaque merecido àqueles materiais que mesclam histórias engraçadas, piadas e/ou situações cotidianas, mas que no final acabam trazendo dicas e macetes antipedagógicos que não eleva o senso crítico dos alunos. Ressaltam-se, também, erros conceituais, equívocos e tratamento pejorativo às pessoas que não acompanham o modo “certo” de falar dentro da sociedade.

Em suma, nenhum professor reflete sobre o preconceito veiculado nesses manuais para com aqueles que não falam de acordo com a norma padrão. Portanto, ou os professores não compreenderam o que fora perguntado, ou se esquivaram de responder a essa pergunta para não se comprometerem.

Conclusão

Esse artigo demonstra que os materiais de dicas de português quando utilizados em sala de aula não tem nenhuma pedagogia específica de ensino, e que os professores ao empregar esse tipo de material (colunas, manuais, artigos e vídeos), em suas aulas

estão apenas reproduzindo, o que para eles, seria a norma culta da língua. Não se atentam ao fato de escolher de forma crítica e analítica as fontes de que serão utilizadas em suas aulas. Tendo em vista os aspectos observados os professores não entendem e não sabem o quanto pode atrapalhar o preconceito linguístico no ensino da norma padrão. Também não reconhecem o poder do discurso do professor de língua portuguesa. E no discurso do “certo” e do “errado”, ele exclui aquele aluno que leva para a sala de aula a variação linguística.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. **O Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** 19ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)** - Parte II. Brasília/MEC, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CIPRO NETO, Pasquale. **Regência verbal e nominal.** São Paulo: Publifolha, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

LYONS, John- **Linguagem e Linguística,** Rio de Janeiro, 1981.

POSSENTI, Sirio. **Língua na mídia.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: Variação Linguística, Mídia e Preconceito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SQUARISI, Dad- **Super Dicas de Ortografia: conforme o Volp-Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.** São Paulo; Saraiva: 2009.

iAutor

Josicarla Gomes de MENDONÇA, Profa. Especialista
Universidade de Brasília
Krla171@hotmail.com